

SEM Lógica
para o AMOR

Título do original: *The Girl He Used To Know*.

Copyright © 2019 Tracey Garvis Graves.

Publicado mediante acordo com St. Martin's Publishing Group.

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Alessandra Miranda de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Luciana Soares da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Graves, Tracey Garvis

Sem lógica para o amor / Tracey Garvis Graves ; tradução Jacqueline Damásio Valpassos. -- São Paulo : Editora Pensamento Cultrix, 2020.

Título original: *The girl he used to know*.
ISBN 978-65-5622-004-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

20-42503

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª Edição digital: 2020
eISBN: 978-65-5622-006-2

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP – Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorajangada.com.br>

E-mail: atendimento@editorajangada.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

- 15
- 16
- 17
- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35
- 36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

Annika

CHICAGO

AGOSTO DE 2001

Dou de cara com ele no Dominick's, por incrível que pareça. Estou vasculhando o *freezer*, procurando os morangos que coloco no meu *smoothie* matinal, quando a voz de um homem à minha direita diz:

– Annika? – ele parece em dúvida.

Pelo canto do olho, vislumbro seu rosto. Faz dez anos desde a época em que namoramos e, embora eu costume ter certa dificuldade para reconhecer pessoas fora do contexto, para mim não há necessidade de me questionar se é ele ou não. Sei que é ele. Meu corpo vibra como um trem rumoroso a distância, e fico grata pelo ar frio do *freezer* enquanto a temperatura do meu corpo dispara. Quero fugir, esquecer os morangos e encontrar a saída mais próxima. Mas as palavras de Tina ecoam em minha cabeça e as repito como um mantra: *Não fuja, assuma responsabilidades, seja você mesma.*

Minha respiração é entrecortada e não enche muito meus pulmões. Viro-me para ele.

– Oi, Jonathan.

– É você *mesmo* – diz ele. Abro um sorriso.

– Sim.

Meus cabelos, que costumavam bater na cintura e quase sempre andavam carentes de uma boa escovada, agora estão brilhantes e lisos, ultrapassando meus ombros alguns centímetros. A blusa bem-talhada

e as calças justas que uso estão muito distantes do meu guarda-roupa da faculdade, com saias e vestidos dois tamanhos maiores. É provável que isso o tenha deixado um pouco confuso.

Aos 32 anos, ele ainda parece o mesmo para mim: cabelos escuros, olhos azuis, os ombros largos de nadador. Não está sorrindo, mas as sobrancelhas também não estão unidas em uma expressão carrancuda. Embora minha capacidade de ler expressões faciais e outros sinais não verbais tenha melhorado bastante, não sei dizer se ele nutre algum sentimento de raiva ou mágoa. Tem todo o direito de sentir ambos.

Damos um passo à frente e nos abraçamos, porque até mesmo eu sei que depois de todo esse tempo – e de tudo pelo que passamos – devemos nos abraçar. Há uma sensação imediata de segurança e conforto quando os braços de Jonathan me envolvem. Isso não mudou nem um pouco. O cheiro de cloro que costumava impregnar sua pele foi substituído por um odor amadeirado e, felizmente, não muito marcante nem enjoativo.

Não faço ideia do motivo de ele estar em Chicago. Uma prestigiada empresa de Nova York, do ramo financeiro, tratou logo de arrastar Jonathan para fora de Illinois praticamente antes que a tinta de seu diploma terminasse de secar, quando o que antes era uma mudança planejada para dois transformou-se em empreitada individual. Quando nos afastamos um do outro, eu me atrapalho com as palavras.

– Eu pensei que você morasse... Você está aqui a negócios...?

– Mudei para o escritório de Chicago há cerca de cinco anos – disse ele. Surpreende-me que durante todo esse tempo, enquanto eu andava pela cidade que agora chamo de lar, nunca soube que dar de cara com ele fosse uma possibilidade. Quantas vezes estivemos em um

raio de um quilômetro de distância um do outro sem saber? Quantas vezes estivemos atrás ou na frente um do outro em uma calçada movimentada ou jantando no mesmo restaurante? – Minha mãe precisava de alguém para supervisionar seu tratamento – continua ele.

Eu havia conhecido a mãe dele e gostara dela quase tanto quanto gostava da minha. Foi fácil ver de onde tinha vindo a gentileza de Jonathan.

– Por favor, diga a ela que mandei um oi.

– Ela morreu alguns anos atrás. Demência. O médico disse que provavelmente ela vinha sofrendo disso há anos.

– Ela me chamou de Katherine e não conseguia encontrar as próprias chaves – digo isso, porque minha memória é excelente e tudo faz sentido agora. Ele concorda comigo com um ligeiro aceno de cabeça.

– Você trabalha no centro da cidade? – ele pergunta.

Fecho a porta do *freezer*, envergonhada por mantê-la aberta durante todo esse tempo.

– Sim, na Biblioteca Harold Washington – minha resposta provoca o primeiro sorriso em seu rosto.

– Meus parabéns.

A conversa para de repente. Jonathan sempre fez o trabalho pesado no que diz respeito a nossa comunicação, mas desta vez ele não alivia minha barra e o silêncio é ensurdecedor.

– Foi ótimo ver você – falo, afinal, sem pensar. Minha voz soa mais aguda que o normal. O calor ruboriza meu rosto, e penso que deveria ter deixado a porta do *freezer* aberta, no fim das contas.

– Foi ótimo ver você também.

Quando ele se vira, uma pontada de saudade me atinge com tanta força que meus joelhos vacilam, e reúno coragem para dizer:

– Jonathan? – suas sobrancelhas estão ligeiramente arqueadas quando ele se vira.

– Sim?

– Gostaria de sair um dia desses? – fico tensa quando as lembranças retornam numa enxurrada. Digo a mim mesma que não é justo fazer isso com ele, que já fiz o bastante.

Ele hesita, mas então responde:

– Claro, Annika – ele tira uma caneta do bolso interno do paletó e pega a lista de compras da minha mão, rabiscando seu número de telefone no verso.

– Eu ligo para você. Logo – prometo.

Ele assente, o semblante impenetrável mais uma vez. Deve achar que não vou prosseguir com isso. Não o culpo.

Mas vou ligar. Vou me desculpar. Perguntar a ele se podemos tentar de novo. “Começar do zero”, vou dizer.

Esse é meu desejo: substituir as lembranças da garota que ele conhecia pelas da mulher que me tornei.

Annika

CHICAGO

AGOSTO DE 2001

Na minha primeira sessão de terapia com Tina, meus olhos levaram quase cinco minutos para se ajustar à sala pouco iluminada. Quando por fim pude ver com nitidez meu entorno, percebi que era intencional e que tudo ali havia sido disposto com o propósito de acalmar as pessoas. A luminária de chão a um canto – a única fonte de luz – tinha um tom creme que lançava sombras suaves contra a parede. A mobília de couro marrom parecia macia como manteiga sob as pontas dos meus dedos, e o tapete grosso que cobria o chão me fez querer tirar os sapatos e alisar as fibras suaves e fofas com os dedos dos pés.

– Cruzei com Jonathan – digo a Tina antes mesmo que ela feche a porta quando apareço para minha sessão semanal. Ela se senta na poltrona e eu afundo no sofá estofado em frente a ela, as almofadas me envolvendo de um modo que sempre diminui minha ansiedade por estar lá.

– Quando?

– Terça-feira passada. Parei no Dominick's a caminho de casa, e ele estava lá.

Passamos muitas horas discutindo sobre o Jonathan e com certeza ela deve estar curiosa, mas saber o que Tina está pensando pela expressão em seu rosto é algo que nunca vou conseguir decifrar.

– Como foi?

– Lembrei-me do que você disse que eu deveria fazer se o visse de novo – eu me animei, sentando-me um pouco mais ereta, apesar da tentativa constante do sofá de me engolir. – Tivemos uma conversa. Foi curta, mas legal.

– Houve um tempo em que você não faria isso – diz Tina.

– Houve um tempo em que eu teria fugido pela porta dos fundos e me enfiado na minha cama por dois dias – sentia-me *esgotada* quando cheguei em casa com as compras. Enquanto as guardava, a tristeza que senti pela morte da mãe de Jonathan enfim me abateu e chorei sem parar, porque agora ele não tinha nenhum dos pais. Também não disse a ele o quanto lamentava, embora estivesse pensando nisso na hora. Apesar do meu cansaço, demorei muito para adormecer naquela noite.

– Pensei que ele estivesse em Nova York!

– Estava. Ele se transferiu para cá para cuidar da mãe antes de ela morrer. Isso é tudo o que sei – o surgimento de Jonathan tinha sido tão inesperado, tão aleatório, que não fui capaz de articular muitas perguntas. Ocorreu-me depois que não tinha ideia de se ele era casado. Olhar para o dedo anelar de um homem é o tipo de artimanha que me ocorre mais tarde – e, no caso de Jonathan, dois dias inteiros após o fato.

– O que você acha que passou pela cabeça de Jonathan quando ele a viu naquele mercado?

Tina sabe como é difícil para mim compreender o que os outros pensam, então sua pergunta não me surpreende. Nos dez anos desde que vi Jonathan pela última vez, reproduzi as últimas semanas de nosso relacionamento, e a última mensagem que ele deixou na minha

secretária eletrônica, inúmeras vezes em minha mente. Tina me ajudou a enxergar esses eventos pelos olhos de Jonathan, e o que percebi fez eu me sentir envergonhada.

– Ele não parecia magoado ou zangado – digo, o que, na verdade, não responde a sua pergunta. Tina sabe tudo o que há para saber sobre a situação e é bem provável que *ela* possa me dizer o que Jonathan estava pensando. Só quer ouvir minha opinião sobre isso. Uma das coisas de que mais gosto nas nossas sessões é que sou eu quem determina o que é confortável discutir; Tina não me pressiona. Não muito, pelo menos.

– Como ele *parecia*?

– Neutro, acho? Sorriu quando lhe contei sobre a biblioteca. Quando estava de saída, perguntei se queria sair algum dia desses e ele me deu o número dele.

– Você fez um grande progresso, Annika. Devia estar orgulhosa.

– Ele deve achar que eu não vou ligar.

– Você vai?

Embora me encha de ansiedade imaginar o caminho que estou prestes a percorrer, respondo com firmeza:

– Sim.

Estudo o rosto de Tina e, embora não tenha certeza, acredito que ela esteja satisfeita.

Annika

UNIVERSIDADE DE ILLINOIS EM URBANA-CHAMPAIGN

1991

Na faculdade, se quisesse me encontrar, só precisaria procurar em três lugares: na Clínica Veterinária de Animais Silvestres, na biblioteca ou no grêmio estudantil, onde ocorriam minhas reuniões do clube de xadrez.

Pela quantidade de tempo que passava como voluntária na clínica, alguém poderia pensar que eu sonhava com uma carreira em medicina veterinária. Os animais eram uma das poucas coisas que me traziam extrema felicidade, sobretudo os que precisavam da minha atenção. Os outros voluntários deviam ter presumido que os animais proporcionavam uma trégua para a solidão e o isolamento que me cercaram durante os anos de faculdade, mas poucos entenderiam que eu apenas preferia a companhia de animais à da maioria dos humanos. O olhar comovente deles quando aprendiam a confiar em mim me confortava mais do que qualquer outra situação social.

Se havia uma coisa que eu amava quase tanto quanto os animais, eram os livros. A leitura me transportava para lugares exóticos, períodos fascinantes da História e mundos que eram bem diferentes do meu. Minha mãe, já louca de preocupação em uma tarde quando eu tinha 8 anos, encontrou-me lá fora, na nossa casa na árvore, em um dia de dezembro de muita neve, absorta em meu livro favorito de Laura Ingalls Wilder – aquele em que o pai ficou preso na nevasca e

comeu o doce de Natal que levava para casa, para Laura e Mary. Estava me procurando havia meia hora e chamava meu nome há tanto tempo que ficara sem voz. Embora tivesse lhe explicado repetidas vezes, ela não conseguira entender que eu estava interpretando o papel de Laura, que aguardava na cabana. Ficar sentada na congelante casa na árvore fazia todo o sentido para mim. Quando descobri que poderia seguir uma carreira que me permitiria passar meus dias em uma biblioteca, cercada de livros, a alegria que senti foi profunda.

Até meu pai me ensinar a jogar xadrez aos 7 anos de idade, não havia uma única coisa em que eu fosse boa. Não me destacava em nenhum esporte e meu desempenho acadêmico oscilava: tirava notas mais altas ou mais baixas, dependendo da aula e do quanto me interessava por ela. A timidez incapacitante me impedia de participar de peças escolares ou outras atividades extracurriculares. Mas, assim como os livros, o xadrez preencheu um vazio em minha vida que nada mais foi capaz de satisfazer. Embora tenha demorado muito tempo para descobrir, sabia que meu cérebro não funcionava como o das outras pessoas. Comigo as coisas são preto no branco. Concretas, não abstratas. O jogo de xadrez, com suas estratégias e regras, combinava com minha visão de mundo. Animais e livros me confortavam, mas o xadrez me deu a oportunidade de fazer parte de algo.

Quando eu jogava, chegava a quase me enquadrar.

O Clube de Xadrez Illini se reunia na praça de alimentação do grêmio estudantil nas noites de domingo, das seis às oito. O número de participantes variava bastante. No início do semestre, quando os membros ainda não estavam atolados com a carga horária ou ocupados estudando para os exames, podia somar uns trinta alunos. Quando as

provas finais se aproximavam, esse número despencava e tínhamos sorte se ficássemos em dez. As reuniões de domingo do clube de xadrez eram informais, consistindo principalmente de partidas livres e socialização. As reuniões da equipe de xadrez – para os membros que queriam participar de competições – eram realizadas nas noites de quarta-feira, focadas em jogos de treinamento para competições, na solução de desafios de xadrez e na análise de partidas famosas dessa modalidade. Embora eu possuísse as habilidades necessárias e preferisse a estrutura mais formal das reuniões da equipe, não desejava competir.

Jonathan se juntou a nós em uma noite de domingo, no início do meu último ano. Enquanto o restante do clube se conhecia e conversava, eu me mexia irrequieta no meu lugar habitual, com o tabuleiro montado, pronta para jogar. Tirava os sapatos assim que me sentava, pressionando as solas dos pés descalços contra o piso liso e frio, porque me transmitia uma sensação muito *boa*, algo que nunca poderia explicar a ninguém, por mais que tentasse. Observei Jonathan aproximar-se de Eric, o presidente do clube, que sorriu e apertou sua mão. Alguns minutos depois, Eric chamou a atenção de todos na reunião, levantando a voz para ser ouvido acima do burburinho.

– Sejam todos bem-vindos. Novos membros, por favor, apresentem-se. Pizza na Uno mais tarde, se alguém estiver interessado – Eric voltou-se para Jonathan e depois apontou para mim. O gesto me encheu de pavor e eu congelei.

Quase sempre jogava com Eric, por dois motivos: primeiro, tínhamos entrado no clube de xadrez no mesmo dia no nosso primeiro ano e, como os mais novos membros, fazia sentido formarmos dupla para o nosso primeiro jogo; e, segundo, ninguém mais queria jogar

comigo. Se Eric e eu terminássemos rápido a partida, ele seguia para disputar a próxima com outra pessoa e eu ia para casa. Gostava de jogar com Eric. Ele era gentil, mas isso nunca o impedia de dar seu melhor no jogo. Se eu o vencesse, sabia que havia merecido, porque ele não me dava vantagem alguma. Mas agora que Eric fora eleito presidente e passava parte da reunião respondendo a perguntas ou cuidando de outras funções administrativas, nem sempre estava disponível para jogar comigo.

Meu estômago revirou quando Jonathan caminhou em minha direção, e me acalmei passando os dedos sob a mesa como se tentasse remover algo desagradável dali. Quando era criança, balançava e zumbia, mas, à medida que fui crescendo, aprendi a esconder meus métodos para me tranquilizar. Assenti em reconhecimento a sua presença quando ele se sentou à minha frente.

– Eric achou que poderíamos formar dupla hoje à noite. Eu sou Jonathan Hoffman.

Seu queixo era quadrado e seus olhos, azul-claros. Os cabelos curtos e escuros pareciam lustrosos, e me perguntei se seriam macios e sedosos sob as pontas dos meus dedos. Eles recendiam ligeiramente a cloro e, embora odiasse a maioria dos cheiros, por alguma razão esse em especial não me incomodou.

– Annika Rose – eu disse, minha voz soando apenas um pouquinho mais alta que um sussurro.

– Annita?

Balancei a cabeça em negativa.

– Não, Annita com t – a confusão em torno do meu nome tinha sido uma constante durante toda a minha vida. Na sétima série, uma garota bastante cruel, chamada Maria, tinha socado meu rosto em um

armário. “Um nome esquisito para uma garota esquisita”, ela sussurrou, fazendo com que eu corresse para a enfermaria em lágrimas.

– Annika – Jonathan disse, como se experimentasse a palavra. – Legal. Vamos jogar.

Eric e eu alternávamos quem começava com as peças brancas e, portanto, revezávamo-nos para aproveitar a pequena vantagem que isso trazia; se fôssemos jogar juntos naquela noite, seria a vez dele. Mas, como me vi obrigada a formar uma dupla inesperada com Jonathan, as peças na frente dele eram brancas e ele foi o primeiro a jogar.

Sua sequência de abertura mostrava afinidade com os movimentos do campeão mundial Anatoly Karpov. Assim que identifiquei sua estratégia, escolhi minha defesa de acordo e mergulhei no jogo, os sons e odores da praça de alimentação desaparecendo junto com meu nervosismo. Já não ouvia mais trechos de conversas dos alunos enquanto comiam seus hambúrgueres com batatas fritas, ou o chiar da frigideira para uma nova porção de arroz frito tailandês. Tampouco sentia o cheiro de pizza de *pepperoni* no forno. Joguei de forma implacável desde o início, porque cada partida que eu jogava era uma partida para vencer, mas também me demorava para refletir e me concentrar no meu próximo movimento. Nem Jonathan nem eu falávamos.

A partida de xadrez é em grande parte silenciosa, e para mim há uma enorme beleza na ausência de som.

– Xaque-mate – anunciei.

Fez-se uma longa pausa e então ele disse:

– Belo jogo – correu o olhar pelo entorno; apenas alguns de nossos membros permaneciam. Todo mundo tinha saído para jantar enquanto ainda jogávamos.

– O seu também – respondi, porque a vitória havia sido tão difícil quanto qualquer outra que eu obtivera contra Eric.

– Vai se juntar ao pessoal para uma pizza e cerveja?

Levantei-me, peguei minha mochila e respondi:

– Não. Estou indo para casa.

Os odores persistentes de incenso de sândalo e desodorizador de ambiente me receberam quando abri a porta do dormitório do *campus* em que Janice e eu morávamos nos últimos dois anos. O incenso era para disfarçar o leve cheiro de maconha que estava sempre impregnado nas roupas do namorado dela. Janice nunca teria permitido que Joe ficasse chapado em nosso dormitório, e ela não conseguia detectar esse odor nele. Mas eu tinha um nariz muito sensível e sabia o que era no momento em que ela nos apresentou. Janice compreendia que as lembranças que isso desencadeava em mim eram algo com que eu não conseguia lidar.

O desodorizador de ambiente era para neutralizar as consequências do que quer que Jan cozinhasse para Joe. Ela adorava experimentar receitas e passava horas na cozinha. Seu paladar flertava com o lado *gourmet* das coisas, enquanto o meu estava mais alinhado com os hábitos alimentares de uma criança de 6 anos de idade. Em mais de uma ocasião, flagrei Joe encarando o queijo quente ou os *nuggets* de frango no meu prato, enquanto Janice mexia alguma mistura complicada no fogão. Eu era grata pela boa vontade de Jan em reduzir ao mínimo os cheiros do nosso dormitório, mas não tinha coragem de

lhe dizer que o desodorizador e o incenso apenas *acrescentavam* mais dois deles à mistura. Como eu não era a pessoa mais fácil de se conviver, jamais o faria.

– Como foi o clube de xadrez? – Janice perguntou assim que entrei, joguei minha mochila no chão e caí no sofá. Levaria horas até que eu descansasse por completo, mas estar em casa permitia que eu relaxasse um pouco e minha respiração se normalizasse.

– Péssimo. Tinha um novo membro, e tive que jogar contra ele.

– Ele era bonito?

– Estou superexausta.

Ela se sentou ao meu lado.

– Qual é o nome dele?

– Jonathan – tirei os sapatos, lançando-os dos meus pés. – Estou tão brava com Eric. Ele sabe que sempre jogamos juntos.

– Quem ganhou?

– O quê? Ah. Eu ganhei.

Janice riu.

– Como foi que isso aconteceu?

– Da maneira como sempre acontece.

– Quer que eu faça um queijo quente para você? Fiz um para Joe mais cedo. Tinha tudo o que precisava na geladeira para fazer frango à florentina, mas era isso que ele queria. E você dizendo que não tem nada em comum com ele...

– Ele não me levou a sério – Jonathan cometeu o erro que outros antes dele haviam cometido com frequência: não tinha levado em conta minhas habilidades, ao mesmo tempo que estava confiante demais em relação às dele. Logo eu descobriria que aquela seria a primeira e a última vez que ele cometeria esse erro comigo.

– No próximo domingo, você vai jogar com Eric.

– Estou cansada demais para comer.

“Não faço ideia do que vocês duas estão dizendo uma para a outra”, Joe havia dito na primeira vez que testemunhara uma de nossas conversas. Para ser justa, não foi apenas porque eu suspeitava de que ele estivesse chapado na ocasião. Janice levava três anos para aprender como se comunicar comigo e, honra lhe devia ser feita, ela acabou dominando minha língua nativa como uma especialista na área.

Incapaz de continuar a conversar, segui pelo corredor até o quarto, desabei de cara na cama totalmente vestida e dormi direto até a manhã seguinte.

Jonathan

CHICAGO

AGOSTO DE 2001

Meu telefone toca e o identificador de chamadas pisca um número desconhecido enquanto caminho pela rua a fim de encontrar Nate para um drinque depois do trabalho. Estive preso em reuniões o dia todo e a única coisa que me interessa no momento é uma cerveja gelada. O mês de agosto em Chicago pode ser cruel, e minha camisa gruda de suor nas costas sob o paletó. Quando ouço o sinal indicando que quem quer que tenha me ligado havia deixado uma mensagem de voz, imagino que devo descobrir logo do que se trata e lidar de uma vez com essa emergência, para poder desfrutar da minha cerveja em paz.

A voz de Annika me faz parar de imediato. As chances de que ela de fato me telefonasse eram apenas ligeiramente maiores do que minha ex-esposa e eu nos entendermos sobre qualquer questão atual, portanto não eram nem de longe tão altas assim. Afasto-me do fluxo de pedestres, enfiando um dedo na orelha oposta para ouvi-la melhor, e depois volto a mensagem do início.

– Oi. Gostaria de saber se você poderia me encontrar para tomar café da manhã no sábado ou no domingo no Bridgeport Coffee. A hora que for mais conveniente para você, ok? Tchou – posso ouvir o tremor em sua voz.

Há outra mensagem.

– Oi. É a Annika. Deveria ter mencionado isso na outra mensagem – o tremor continua lá, junto com um suspiro envergonhado.

Há mais uma mensagem.

– Desculpe por tantas mensagens. Acabei de me dar conta de que não lhe passei o meu número de telefone – agora ela parece frustrada enquanto o recita de forma apressada, o que é desnecessário, já que posso buscá-lo no meu registro de chamadas recebidas. – Então, me ligue se quiser me encontrar para tomar um café, ok? Tchau.

Eu a imagino se jogando em uma poltrona depois de deixar as mensagens, esgotada, porque sei como essas coisas são difíceis para ela.

O fato de ainda assim ter feito isso me diz algumas coisas.

O bar escuro tem um leve cheiro de fumaça de cigarro velha e perfume masculino. É o tipo de estabelecimento ao qual homens recém-solteiros vão para relaxar antes de voltarem para casa, para os apartamentos de mobília escassa que nunca viram o toque de uma mulher. Odeio lugares como este, mas Nate ainda está naquela fase em seu divórcio de beber diariamente, e me lembro muito bem de como é isso. Está sentado no bar, tentando tirar o rótulo de uma garrafa de cerveja, quando passo pela porta.

– E aí? – digo enquanto me sento a seu lado, afrouxo a gravata e faço um gesto para o *barman* me trazer o mesmo.

Nate aponta para a janela com a boca da garrafa de cerveja.

– Vi você lá fora. É melhor desligar esse telefone se quiser desfrutar da sua cerveja em paz – Nate e eu não trabalhamos para a mesma empresa, mas as declarações de missão de ambas são idênticas: *Só trabalho e nada de diversão fazem esta empresa ganhar um puta dinheirão.*

– Não era do trabalho. Era uma mensagem de voz de uma antiga namorada em quem esbarrei outro dia. Ela disse que ligaria. Eu não tinha certeza.

– Quanto tempo faz?

– Tinha 22 anos na última vez que a vi – e, se soubesse que havia a possibilidade de não a ver de novo pelos próximos dez anos, poderia ter lidado com as coisas de maneira diferente.

– Como ela é?

O *barman* entrega minha cerveja e tomo um longo gole.

– Os anos foram muito gentis com ela – respondo, enquanto deposito a garrafa de volta no balcão.

– Foi sério ou só um lance passageiro?

– Foi sério para mim – digo a mim que também foi sério para ela, mas há momentos em que me pergunto se estou mentindo para mim mesmo.

– Acha que ela quer reatar?

– Não faço ideia do que ela quer – essa parte é verdade. Nem sei se Annika está solteira. Não acho que esteja casada, porque não usava aliança, mas não significa que não esteja em um relacionamento.

– Você ainda gosta dela?

De vez em quando, principalmente logo após Liz e eu nos separarmos, quando estava deitado sozinho na cama e não conseguia dormir, eu pensava em Annika.

– Foi há muito tempo.

– Conheço um cara que nunca superou o amor pela garota que o largou na oitava série.

– Acho que esse não deve ser o único problema dele – embora *tenha* sido há muito tempo, às vezes parece que foi ontem. Mal

consigo me lembrar do nome das garotas que vieram antes dela e, depois dela, houve apenas Liz. Mas me recordo com inacreditável clareza de quase tudo o que aconteceu durante o tempo que passei com Annika.

Deve ser porque ninguém nunca me amou com tanta ferocidade ou de maneira tão incondicional quanto ela.

Olho para Nate.

– Você já se apaixonou por uma garota que era diferente? Não apenas diferente de qualquer garota com quem já namorou antes, mas diferente da maioria das pessoas em geral?

Nate acena para o *barman* pedindo outra cerveja.

– Alguém que dança conforme a própria música, é isso?

– Ela dança conforme a própria *sinfonia*. Uma sinfonia de que você nunca ouviu falar e em nenhuma circunstância imaginou gostar – quando Annika me frustrava, o que era bastante frequente, eu dizia a mim mesmo que havia uma porção de outras garotas por aí que não eram tão complicadas. Mas, vinte e quatro horas depois, já estava batendo à sua porta. Sentia falta do rosto dela e do seu sorriso, e de todas as coisas que a tornavam diferente.

– Ela devia ser bem atraente, porque esse tipo de coisa nunca rola quando a garota fica apenas na média.

Quando o avião de John F. Kennedy Jr. caiu no Atlântico, alguns meses antes de Liz jogar a toalha e voltar para Nova York sem mim, a imagem dele – assim como a da esposa e a da cunhada – estampou toda as telas de televisão durante dias. Como eu não tinha o menor interesse em notícias de celebridades, nunca havia percebido, até então, como Annika se parecia com Carolyn Bessette Kennedy. Elas compartilhavam a mesma estrutura óssea e os olhos azuis, e cabelos

tão loiros que chegavam quase a ser brancos. Ambas possuíam o tipo de beleza impressionante que você notaria em uma multidão. Quando dei de cara com Annika no Dominick's, a semelhança se tornou ainda mais pronunciada. Os cabelos estavam mais curtos do que na faculdade e agora eram sedosos e lisos, mas ela ainda usava a mesma cor de batom, e, quando meu cérebro registrou esse fato, uma certa lembrança derreteu um pouco do gelo em meu coração.

– Annika é linda.

– Então, a maluquice não importava.

– Isso passa muito longe do que eu disse – as palavras saem mais ríspidas do que eu pretendia e paira um silêncio constrangedor enquanto ambos sorvemos um gole.

Estaria mentindo se não admitisse, pelo menos para mim, que a aparência de Annika *de fato* influenciou na minha atração inicial e em minha disposição de ignorar algumas coisas. Quando Eric apontou para ela naquele dia no grêmio estudantil, não conseguia acreditar na minha sorte, embora me perguntasse por que uma garota tão bonita estava sentada sozinha. Teria sido fácil dispensá-la, do jeito que outros haviam feito, e encontrar outra pessoa para jogar uma partida na próxima vez. Mas eu a procurei, incontáveis vezes, porque me sentia abatido com o problema em que havia me metido na Northwestern e amargurado com o rancor que vinha guardando desde então. Não me sentia muito confiante e perder para uma garota não ajudou em nada. Encolho-me em reação à lembrança, e é só agora, dez anos depois, que percebo quanta energia desperdicei nas batalhas inconsequentes que na verdade não eram para ser travadas. Annika não sabia disso na época, mas ela era exatamente o que eu precisava para acreditar em

mim outra vez. E, com o tempo, percebi que ela era muito mais do que apenas um rostinho bonito.

– Vai vê-la novamente? – Nate pergunta.

Sempre que penso em Annika, minha mente volta ao modo como deixamos as coisas e à mesma pergunta sem resposta. É como uma pedra no meu sapato: desconfortável, mas não insuportável.

Embora esteja sempre lá.

Tomo outro gole da cerveja e dou de ombros.

– Ainda não decidi.

Quando chego em casa do bar, sirvo um uísque a mim mesmo e olho, absorto em pensamentos, através das janelas que vão do chão ao teto, enquanto o sol se põe. Quando o uísque acaba, ouço de novo as mensagens de Annika porque estou oficialmente bêbado e sinto falta de escutar a voz dela. Não retornar a ligação parece infantil e mesquinho, e talvez eu só esteja com pena de mim mesmo porque as duas últimas mulheres que amei decidiram que não me amavam mais. Quando Liz pediu o divórcio, eu também não a amava mais, mas com Annika é outra história.

Pego meu telefone e, quando a ligação cai na secretária eletrônica dela, digo:

– Oi. É o Jonathan. Posso encontrá-la para tomar um café no domingo de manhã, às dez, se estiver bom para você. Vejo você lá.

Talvez Annika tenha me ligado porque finalmente está pronta para remover a pedra do meu sapato de uma vez por todas. Tirando isso, quero saber – apesar de como me sinto sobre o modo como nosso relacionamento terminou – se ela está bem. Embora eu tenha percebido, pela maneira como se comportou, que ela está ótima, pelo

menos por fora; preciso saber se ela ainda está carregando o peso daquilo por dentro.

Além disso, eu não teria dito não a ela.

Jamais poderia.

Jonathan

CHICAGO

AGOSTO DE 2001

Quando chego à cafeteria, Annika está na calçada, deslocando o peso do corpo sobre os pés ao se balançar para a frente e para trás. Ela para imediatamente quando me vê.

– Bom dia – eu digo.

– Bom dia – ela usa um vestido de verão, mas, ao contrário das roupas que costumava vestir, esta se ajusta com perfeição ao seu corpo. Meus olhos são atraídos para os ombros estreitos e as cavidades em sua garganta e clavícula. – Está pronta para entrar?

– Claro – dá um passo em direção à porta, hesitando quando vê a multidão espremida dentro da pequena cafeteria. Ela escolheu o local, mas fui eu que decidi o horário; talvez ela preferisse se encontrar ou mais cedo ou mais tarde, para evitar o horário de pico. Se bem me lembro, o estabelecimento possui um espaçoso pátio externo, então talvez isso não importe. De forma instintiva, estendo a mão para a parte inferior de suas costas para conduzi-la, mas no último segundo eu a retiro. Costumava ser uma das poucas pessoas cujo toque Annika conseguia tolerar. Com o tempo, ela passou a amar a sensação dos meus braços envolvendo-a, meu corpo se tornando seu cobertor de segurança pessoal.

Mas isso foi anos atrás.

Dirigimo-nos devagar para o balcão e fazemos os pedidos. Na faculdade, ela teria escolhido suco, mas hoje nós dois pedimos café gelado.

– Já tomou café da manhã? – pergunto, apontando para a vitrine de doces.

– Não. Quero dizer, não sabia se você já tinha comido, então comi um pouco, mas não o suficiente para contar como um café da manhã completo. Só que não estou com fome agora.

Enquanto as palavras se derramam de sua boca, ela olha para os sapatos, ou por cima do meu ombro, ou na direção do barista. Para qualquer lugar, menos para mim. Não me importo. O gestual de Annika é como calçar um par de sapatos confortável e, embora eu me sinta mal em admitir, até para mim mesmo, seu nervosismo sempre fez com que eu me sentisse à vontade.

Tento pagar, mas ela não deixa.

– Tudo bem se nos sentarmos lá fora? – ela pergunta.

– Claro – sentamos em uma mesa à sombra de um espaçoso guarda-sol. – Você está ótima, Annika. Deveria ter lhe dito no outro dia.

Ela cora um pouco.

– Obrigada. Você também.

A temperatura fica instantaneamente mais fresca devido ao guarda-sol, e a cor nas bochechas de Annika some. Quando levanto meu copo para colocar o canudo na boca, ela acompanha o movimento da minha mão esquerda e levo um segundo para perceber que ela procura uma aliança de casamento.

– Como está sua família? – pergunto.

Ela parece aliviada por eu ter começado com algo tão neutro.

– Estão bem. Meu pai se aposentou, e ele e minha mãe têm viajado. Will ainda está em Nova York. Eu o vi alguns meses atrás, quando peguei um avião para ver Janice. Ela mora em Hoboken com o marido e a filha de seis meses.

– Então você manteve contato com ela? – Janice sempre foi mais do que apenas a colega de quarto de Annika; não deveria me surpreender que a amizade delas ainda continuasse forte.

– Ela é minha melhor amiga, mesmo que eu não a veja com tanta frequência – ela sorve um gole de café. – Você mora aqui perto?

– West Roosevelt.

– Estou na South Wabash – diz ela.

Uma caminhada de dez minutos é tudo o que nos separa.

– Gostaria de saber quantas vezes chegamos perto de nos esbarrarmos.

– Imaginei isso também – confessa ela.

– Jamais teria imaginado você como moradora urbana.

– São só vinte minutos a pé até o trabalho e, se o tempo estiver ruim, eu encaro o prejuízo. Tenho carteira de motorista, mas não tenho carro. Na verdade, não preciso de um para me locomover.

– Como é trabalhar na biblioteca?

– Eu amo. É tudo o que sempre quis fazer – ela faz uma pausa e depois diz: – Você também deve gostar do seu emprego. Ainda está trabalhando lá, dez anos depois.

– É uma empresa sólida, e eles cumpriram todas as promessas que fizeram – tinha ido até um pouco além na carreira do que projetaram para mim durante o processo de entrevista, e na maioria dos dias gosto mesmo do meu emprego. Tem dias que o odeio, mas então lembro a mim mesmo que, assim como disse Annika, é tudo o que sempre quis.

– Você ainda nada?

– Todas as manhãs, na academia. E quanto a você? O que gosta de fazer no seu tempo livre?

– Sou voluntária no abrigo de animais quando posso e tenho um trabalho de meio período no Chicago Children’s Theatre. Ajudo a dar aulas de teatro nas manhãs de sábado. Escrevi uma peça.

– Você escreveu uma peça? Isso é incrível.

– Foi só uma coisa divertida de se fazer. As crianças fizeram um ótimo trabalho. Estou escrevendo outra agora, para elas se apresentarem na época do Natal.

– Quantos anos elas têm?

– Trabalho com várias faixas etárias. As mais novas têm 4 e 5 anos, e as mais velhas estão na faixa dos 9 aos 11. É um grupo muito legal de crianças.

– Você tem filhos?

Os olhos dela se arregalam.

– Eu? Não.

– Está casada? Ou em um relacionamento?

Ela nega com um gesto de cabeça.

– Nunca me casei. Estava saindo com uma pessoa, mas terminamos. Você é casado?

– Fui. Nós nos divorcamos há cerca de um ano e meio.

– Você era casado com aquela garota? Aquela sobre a qual me contou na minha secretária eletrônica?

Acho que ela recebeu a mensagem, afinal.

– Sim.

– Tem filhos? – ela parece apreensiva enquanto aguarda minha resposta.

*image
not
available*

Eu deveria ter percebido logo de cara: Annika está ótima. Não há ninguém para salvar aqui.

Quando nos aproximamos de seu prédio, seu passo saltitante e a conversa regada a nervosismo se intensificam conforme sua ansiedade atinge níveis extremos. Será que ela esperava que eu dissesse alguma coisa e agora que estamos quase em sua casa ela teme um confronto iminente?

Agarro sua mão porque não conheço outra forma de acalmá-la, e a lembrança que o gesto suscita me atinge e impede de seguir em frente. Não estamos mais em South Wabash, mas na entrada de seu prédio de dormitórios da faculdade. A palma de sua mão é pequena e macia na minha, e parece exatamente aquela que segurei pela primeira vez.

– Não precisamos conversar sobre nada – ela para de se mexer e a expressão de puro alívio em seu rosto me diz que eu estava certo. Hoje não haverá explicações, mas não tenho certeza de se tenho coragem para continuar descascando as camadas de Annika para obtê-las. – Só queria saber se estava bem.

Ela respira fundo.

– Estou bem.

– Que bom – olho para a entrada do prédio dela. – Bem, eu tenho que ir. Foi ótimo vê-la de novo. Obrigado pelo café. Cuide-se, Annika.

Embora ela tenha dificuldade para decifrar as expressões faciais de outras pessoas, seu rosto é um livro aberto e ninguém jamais teria problemas para compreender as dela. Sempre me perguntei se ela as exagera para ajudar as pessoas a entenderem o que está pensando, da mesma maneira que deseja que façam com ela. Acho isso adorável. Quando ela se dá conta de que aquele café é apenas uma mera

*image
not
available*

vitória.

– Obrigado – disse ele. – Foi uma ótima partida – começou a assoviar enquanto guardava suas coisas.

Nosso jogo durou tanto tempo que, mais uma vez, todos já haviam saído para jantar. Quando peguei minha mochila e me virei para ir embora, Jonathan agarrou a dele e seguiu ao meu lado. Torcia de coração que fosse porque nós dois íamos mais ou menos na mesma direção, a da saída, e que seria uma caminhada em grande parte silenciosa, mas estava enganada.

– Quer se encontrar com o pessoal? Comer uma pizza?

– Não.

– Você é mesmo boa em xadrez.

– Eu sei.

– Há quanto tempo você joga? – ele quis saber.

– Desde que eu tinha 7 anos.

– Há quanto tempo é membro do clube de xadrez?

– Desde o primeiro ano.

Ele devia ter um e oitenta e oito de altura em comparação ao meu metro e sessenta e três, e suas pernas eram muito mais longas que as minhas. Tive que andar rápido para acompanhar o ritmo dele, e ainda responder às perguntas que ele continuava disparando, o que não me parecia justo, já que, na verdade, não queria responder nem acompanhá-lo, para começo de conversa.

– Sempre teve vontade de se juntar ao clube?

– Não.

Eu havia descoberto o clube de xadrez por acaso, três semanas depois de me mudar para o meu dormitório, no mesmo dia em que liguei para os meus pais, disse a eles que estava largando a faculdade e

– Está tão quente. Estava pensando em ir ao grêmio estudantil tomar uma limonada. Por que não vem comigo?

Eu não queria. Meus pais haviam me prometido que estariam lá de manhã para me levar embora daquele pesadelo, e eu queria mergulhar nas cobertas outra vez e contar os minutos até esse momento chegar. Mas havia uma parte do meu cérebro que compreendia o que ela havia feito por mim, por isso falei:

– Tudo bem.

Enquanto caminhávamos até o grêmio estudantil, Janice apontou para a Clínica Veterinária de Animais Silvestres.

– Ouvi dizer que eles precisam de voluntários lá. Você deveria conversar com eles. Devem estar procurando pessoas que sejam gentis com os animais – assenti, mas não tive coragem de lhe dizer que iria embora de manhã.

Enquanto estávamos na fila esperando para pedir nossa limonada, notei os tabuleiros de xadrez. Havia pelo menos quinze deles dispostos nas mesas próximas, as peças arrumadas, apenas esperando os jogadores. Os alunos sentavam-se às mesas, conversando e rindo.

Devia estar com o olhar fixo, porque Janice perguntou:

– Você joga?

– Sim.

– Vamos dar uma olhada.

– Não quero.

– Vamos lá, vai.

Ela entregou minha limonada e eu a segui até perto de um aluno mais velho que estava postado ao lado de um dos tabuleiros de xadrez.

– O que vocês desejam? Minha amiga joga xadrez e gostaria de saber como funciona.

– E quanto a Jonathan? Acha que ele continua pronto?

Eu mal compreendia os meus pensamentos; não fazia ideia dos de Jonathan.

– Pensei que ele estivesse, até me deixar sozinha na calçada.

– Você acha que ele a está punindo de alguma forma por causa do que aconteceu no passado?

– Não está?

– Não poderia haver outro motivo? Dez anos é bastante tempo. Tenho certeza de que aconteceram muitas coisas na vida dele, assim como na sua.

Um por um, acesso os fatos a respeito de Jonathan no meu cérebro, onde os releguei à memória.

– Ele é divorciado. Sem filhos. Acho que trabalha muito. Mora em um apartamento não muito longe de mim.

– O divórcio é uma mudança de vida significativa, e com frequência muito estressante. Jonathan pode ter sempre parecido invencível para você, mas ele é humano e sente dor como qualquer outra pessoa. Não poderia ser a atual situação dele que está influenciando em sua decisão de vê-la ou não novamente, e não o que ocorreu no passado?

Tina e eu temos passado horas trabalhando as dificuldades que tenho de me colocar no lugar das outras pessoas e, depois de observar Jonathan ir embora, levava o dia todo tentando entender por conta própria. Minha frustração só aumentou porque, por mais que me esforçasse, não conseguia compreender a situação, não importava o quanto tentasse. Apenas presumi que ele estivesse bravo comigo pelo que fiz. Não consegui relaxar e, por isso, não consegui dormir, e estou com o sono atrasado desde então. No entanto, em menos de quinze

Sue, uma veterana que era voluntária na clínica há quase tanto tempo quanto eu e com quem me sentia bastante confortável, entrou na sala.

– Oi, Annika. Oh, olhe só para esse carinha.

– Ele não é adorável? Tenho vontade de levá-lo para casa comigo. Sabia que os gambás na verdade não ficam pendurados pela cauda? As pessoas sempre acham que sim, mas não. Eles têm orelhas como as do Mickey Mouse e cinquenta dentes, mas não são perigosos – outro dia, quando estava na biblioteca estudando, minha atenção foi desviada para um livro sobre gambás e aprendi coisas fascinantes. Demorou quase dez minutos para contar todas elas, mas compartilhei cada um desses fatos com Sue porque tinha certeza de que ela gostaria de saber.

– Dá para ver que ele está em boas mãos. – Sue olhou para o relógio e apertou meu braço. – Tenho que ir. Vejo você mais tarde, ok?

– Ok.

Passei o restante do meu turno limpando gaiolas, ajudando a medicar os animais e dando atenção a qualquer um deles que necessitasse. Antes de ir embora, voltei à gaiola de Charlie para me despedir. Pensei em como sentiria falta dele quando chegasse a hora de deixá-lo partir, e imaginei por um momento se algum dia me sentiria tão apegada a uma pessoa quanto era com os animais.

E me perguntei o quanto doeria se fosse eu a pessoa que teriam de deixar partir.

Stacy. Ela sempre me recebe com um sorriso, e sua voz é muito relaxante. Quando Stacy queima o dedo na refeição que retira do micro-ondas, digo a ela que sinto muito e a envolvo em um abraço lateral.

– Oh! – diz ela. – Oi, Annika. Dê-me só um segundo para colocar isto aqui – ela deposita a refeição no balcão. – Por que o abraço? – sua voz não parece tão calma quanto costuma ser. Está mais aguda agora.

– Eu me sinto mal por você ter queimado o dedo.

– Você é sempre tão gentil, mas vou ficar bem. Obrigada, Annika – ela pega o almoço e sai da sala às pressas. Deve estar atrasada para uma reunião ou algo assim.

É só no fim do dia, quando desligo o computador para ir para casa, que me lembro da razão pela qual Audrey teve de me cobrir na semana anterior: foi por causa de uma reunião externa da qual participei a pedido de nosso patrão.

Minha dor de cabeça não chegou a passar por completo e sinto-me exausta quando chego em casa do trabalho. Estou cuidando de uma mamãe gata e seus cinco filhotes, que se encontram atualmente em uma caixa de papelão debaixo da minha cama. Passo uma hora deitada no chão ao lado deles, ouvindo os miadinhos relaxantes, enquanto a dor de cabeça enfim desaparece. No jantar, sirvo-me de uma tigela de cereais e, quando termino de comer, visto meu pijama e me arrasto para a cama com um livro, embora ainda sejam apenas oito e meia da noite.

O telefone toca uma hora depois. Não tenho identificador de chamadas, porque não recebo ligações de muitas pessoas e, em geral, deixo minha secretária eletrônica atender, pois assim tenho tempo

– Por que não vai junto?

– Não quero – coloquei o livro na mochila e atravessamos a rua. Normalmente, eu detestava conversa fiada, mas minha curiosidade foi maior. – Por que *você* não vai jantar com eles?

– Tenho que trabalhar. Sou *barman* no Illini Inn nas noites de sábado e domingo. Já foi lá alguma vez?

– Não.

– Você deveria ir qualquer hora dessas. Tipo, quando eu estiver trabalhando.

– Não frequento bares.

– Ah – ele ajustou a mochila no ombro e caminhamos em silêncio por alguns minutos.

– Já pensou em se juntar à equipe de competição? Eric me pediu para considerar isso, e acho que vou aceitar.

– Não.

– Por que não?

– Não quero.

– Deve haver uma razão.

– Ficaria pesado demais para mim.

– Por causa da sua carga horária?

– Dá para lidar com a carga acadêmica, mas faço trabalho voluntário duas vezes por semana na Clínica Veterinária de Animais Silvestres e ainda tem xadrez no domingo à noite. Isso já me basta – eu precisava de mais tempo livre do que a maioria das pessoas. Precisava de tempo para poder ler, dormir e ficar sozinha. – Se gosta tanto de xadrez, por que esperou até o último ano para ingressar no clube? – questionei.

– Este é meu primeiro ano aqui. Eu me transferi da Northwestern.